Um estudo sobre doenças mentais em "O Alienista" de Machado de Assis

Hugo Mendes Carvalho de Nakamura Filho[1], Anielle Aparecida Fernandes de Morais[2]

[1]Acadêmico do Curso de Psicologia da UniRV e participante do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) da Universidade de Rio Verde (UniRV)
[2] Orientadora. Doutora em Letras e Linguística; Mestre em Letras; Graduada em Letras (Português/Inglês) e em Comunicação Social/Jornalismo. Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Universidade de Rio Verde (UniRV).

Reitor:
Prof. Me. Alberto Barella Netto

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação:
Prof. Dr. Carlos César E. de Menezes

Editor Geral:
Prof. Dra. Andrea Sayuri Silveira Dias Terada

Editores de Seção:
Profa. Dra. Ana Paula Fontana
Prof. Dr. Hidelberto Matos Silva
Prof. Dr. Fábio Henrique Baia
Pra. Dra. Muriel Amaral Jacob
Prof. Dr. Matheus de Freitas Souza
Prof. Dr. Warley Augusto Pereira

Fomento:
Programa PIBIC/PIVIC UniRV/CNPq 2022-2023

Resumo: Nas últimas décadas, a saúde mental no Brasil tem se servido de políticas de atenção humanistas. Esse cenário, contudo, foi bastante diferente no passado, quando era comum a institucionalização e a internação de doentes mentais. Nesse contexto, o presente trabalho faz um estudo livro "O alienista", escrito por Machado de Assis em 1882, obra que aborda critérios utilizados pela medicina psiquiátrica para diagnosticar doenças e doentes mentais no século 19. Metodologicamente, empreende-se uma pesquisa bibliográfica, com consulta a livros, artigos e obras em geral, os quais contribuem para conceituar doença mental e revelar um perfil histórico sobre a saúde mental no Brasil. Como resultados, observa-se que Machado de Assis utiliza diferentes elementos e alusões para denunciar práticas desumanas de tratamento psiquiátrico, corroboradas em sua época.

Palavras-Chave: Literatura. Psicologia. Saúde mental.

A study of mental illnesses in "The Alienist" by Machado de Assis

Abstract: *Recently, mental health in Brazil has used care policies considered humanistic. However, it was quite different in the past, when institutionalization and hospitalization of mentally ill people was common. Considering that, this work studies a book named "O alienista" (The alienist), written by Machado de Assis, in 1882. The book reflects on the criteria used by psychiatric medicine to diagnose illnesses and mental patients. It goes through bibliographic research, considering books, articles and works which contribute to conceptualizing mental illness and revealing a historical profile of mental health in Brazil. As a result, it is observed that Machado de Assis uses different elements and allusions to denounce inhuman practices of psychiatric treatment.*

Keywords: *Literature. Psychology. Mental health.*

Introdução

A saúde mental é uma questão que preocupa sociedade e profissionais mundialmente e, no Brasil, isso não tem sido diferente. Desde a década de 1980, tem se observado o fortalecimento de uma política nacional humanizada para a saúde mental. Apesar disso, o histórico brasileiro em relação ao tema já teve capítulos de muita obscuridade.

No passado, era comum se deparar com a segregação e a institucionalização de pessoas com doença mental. Foi um conturbado período em que pessoas com padrões comportamentais de desvio eram confinadas em locais isolados, recebiam tratamentos desumanos e, enfim, eram denominadas “loucas”. Com isso, promovia-se o afastamento e a exclusão dessas pessoas socialmente.

Na literatura, a saúde mental já foi tema de muitos autores e obras. Tem-se como exemplo: Shakespeare, na Inglaterra; Dostoievsky, na Rússia, e Goethe, na Alemanha. No Brasil, Machado de Assis protagonizou o debate literário sobre o tema. Ele costumava retratar, de modo sensível, crítico e, ao mesmo tempo bem-humorado, o viés psicológico dos personagens em suas histórias. Machado tornou o estudo da psicologia humana uma das principais características de seus textos.

Lançado três décadas após a construção do primeiro hospício brasileiro – Hospício Dom Pedro II, inaugurado em 1852 – o conto machadiano “O alienista” revela, por meio de sua narração sobre sociedade de Itaguaí, pequena cidade localizada no Rio de Janeiro, comportamentos preconceituosos, atitudes da população em relação aos pacientes e tratamentos psiquiátricos. A obra questiona, nesse processo, a própria ausência de conhecimento para a abordagem de questões psíquicas.

Diante do cenário exposto, o presente trabalho desenvolve uma reflexão sobre a abordagem relacionada à saúde mental na literatura, estabelecendo como corpus de análise o conto “O alienista”, escrito por Machado de Assis, em 1882.

Material e Métodos

Para chegar ao objetivo de desvelar a questão mental no Brasil a partir da obra literária em comento, este trabalho se desenvolveu sob o respaldo da pesquisa bibliográfica, muito utilizada na área das Ciências Humanas, da qual a Psicologia e os Estudos Literários (Letras) fazem parte. A pesquisa bibliográfica, no caso deste trabalho, compreendeu o levantamento de bibliografia já publicada sobre o tema saúde mental, em bases de dados e obras de confiabilidade comprovada. Trata-se de trabalhos publicados anteriormente a este e que compõem o estado da arte sobre o tema colocado em questão.

Resultados e Discussão

Saúde mental e literatura

Desde o período colonial até a atualidade, os sistemas de cuidados para os doentes mentais no Brasil passaram por transformações significativas em suas estruturas, organizações e disposições. A segregação e a institucionalização serviam como alicerce para as práticas de tratamento em vigência. Isto é, os considerados “loucos”, cujos padrões comportamentais desviavam-se da conduta denominada normal, eram confinados. Além disso, o tratamento era oferecido de acordo com a condição social e a intensidade da patologia. Os pacientes pobres e agressivos eram deixados na rua ou recolhidos às cadeias e Santas Casas (Ribeiro, 1999).

A partir do século 19, observou-se o advento da psiquiatria, com surgimento de escolas médico-cirúrgicas, influenciadas pela medicina francesa, alemã e inglesa. Dessa forma, se iniciaram as primeiras pesquisas científicas e ergueram-se, no país, os primeiros institutos dedicados ao estudo das doenças, entre os quais, Instituto Oswaldo Cruz e Instituto Manguinhos, no Rio de Janeiro, e Instituto Adolfo Lutz, em São Paulo (Ribeiro, 1999).

O primeiro hospital psiquiátrico brasileiro foi o Hospício Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Note-se que, nesta época, o termo alienado era o vocábulo comumente usados para doentes mentais. Tais instituições destinavam-se à segregação, reforçando as práticas vigentes de internação e custódia, ignorando o tratamento e consequente melhora do paciente (Ribeiro, 1999).

Entretanto, a partir da década de 1980, observou-se o início de uma política nacional de saúde mental. E, em 1989, ocorreu a intervenção médico-legal na Casa de Saúde Anchieta, em Santos, considerada a primeira experiência de desconstrução da estrutura manicomial no Brasil.

No mesmo ano, o Deputado Paulo Delgado apresentou à Câmara dos Deputados um projeto de reforma psiquiátrica que incluía o sancionamento de uma lei específica voltada aos doentes mentais. A lei, no entanto, não foi aprovada naquele ano (Brasil, 2021). Em 2001, o projeto de lei apresentado por Paulo Delgado foi acatado e, finalmente, surgiu dele a Lei nº 10.216, denominada da Lei da Reforma Psiquiátrica, uma tentativa de superar o modelo manicomial de tratamento psiquiátrico, muito utilizado entre os anos 1980 e 1990. A lei constituiu um importante passo para a remodelação da assistência psiquiátrica no Brasil (Hirdes, 2009).

A saúde mental já foi tema de várias obras literárias, publicadas em várias partes do mundo, por meio de autores de reconhecimento internacional. Entre os anos 1500 e 1600, Shakespeare escreveu “Hamlet”, “Romeu e Julieta” e “Otelo”, obras que percorreram o universo da saúde mental na criação de narrativas que falavam, sobretudo, das emoções humanas. Fiódor Dostoievsky, em 1866, com “Crime e Castigo”, também discutiu o tema amiúde.

No Brasil, o literato Machado de Assis protagonizou, de modo realista e com algum sarcasmo, diferentes reflexões acerca da saúde mental. Preocupado em exercer uma crítica social e política de situações cotidianas, o que caracteriza o período do Realismo na Literatura do qual Machado fez parte, o autor se dedicou, por meio de seus livros, a descrever a sociedade conforme ela era, isto é, sem qualquer espécie de romantismo (Silva Gadelha, 2020).

O que difere loucura de genialidade? O normal do patológico? Quais as consequências sociais do desenvolvimento científico e tecnológico? Esses são alguns dos questionamentos propostos por Machado de Assis em “O Alienista”, um de seus contos mais famosos e reconhecidos pela literatura brasileira e mundial. Inicialmente, o texto foi publicado entre 15 de outubro de 1881 e 15 de março de 1882, de forma seriada, mas, posteriormente, passou a integrar “Papéis Avulsos”, coletânea de contos publicada em 1882 (Pernambuco, 2016).

Ao longo da obra, Machado explora elementos comportamentais e psicológicos dos personagens por meio de uma narração onisciente e em terceira pessoa, na qual o narrador possui conhecimento dos fatos e das personagens, observando-os de longe, sem intervir.

No livro, Machado de Assis apresenta uma descrição completa da jornada de Simão Bacamarte, médico psiquiatra (alienista, como difundido na época), pela vila de Itaguaí, localizada no Rio de Janeiro. Munido de uma escrita inteligente e de reconhecida ironia, o autor profere críticas a teorias e instituições científicas que surgiram no século 19, entre elas, o movimento paracientífico denominado como darwinismo social, o positivismo e a psiquiatria (Pernambuco, 2016).

As seções a seguir fazem, justamente, uma explanação acerca das críticas que Machado de Assis profere a aos três construtos apresentados anteriormente.

Darwinismo social e eugenia nos personagens de “O alienista”

Quando Charles Darwin publicizou sua teoria da evolução no século 19, a repercussão foi geral e imediata, pois suas ideias contrariavam o pensamento da época. Naquele período, acreditava-se que as espécies haviam sido criadas por Deus e se mantinham as mesmas desde sua criação, logo, a teoria darwinista desafiava o teocentrismo (Schultz; Schultz, 2019).

Em sua teoria, Darwin afirmava que as diferentes espécies existentes eram resultantes de um processo de seleção natural, caracterizado pela sobrevivência dos organismos que se adaptavam ao seu ambiente de forma eficaz. Isto é, dentro dessa perspectiva, o indivíduo integrante de um determinado grupo, possuidor de características que favorecem o acesso à alimento, reprodução e proteção, iria sobreviver e transmitir tais traços a seus descendentes (Schultz; Schultz, 2019).

Nesse contexto, marcado pela ascensão da superioridade do mais apto ao ambiente, surgiu um conjunto de ideias denominado darwinismo social, proposto por Hebert Spencer, famoso filósofo em seu tempo. Spencer queria aplicar os conceitos darwinianos ao âmbito social, pois acreditava que todas as esferas sociais eram regidas pelo princípio de “sobrevivência do mais apto” (Schultz; Schultz, 2019).

Como consequência dessas influências teóricas amplamente difundidas, surgiu uma ciência intitulada de eugenia, cunhada por Francis Galton, primo de Charles Darwin. Galton acreditava que, assim como as características físicas, as habilidades mentais também eram transmitidas hereditariamente. Ele empreendeu uma pesquisa que demonstrou a ocorrência frequente de indivíduos geniais em determinadas famílias, nas quais foram identificados como genais um dos progenitores ou outro membro familiar (Schultz; Schultz, 2019). Em "O alienista", Machado de Assis apresenta uma crítica aos conceitos de darwinismo social e eugenia, o que se pode ver já nas primeiras páginas do livro. O autor relata como Simão Bacamarte baseia sua escolha matrimonial em princípios eugênicos, uma vez que o personagem se casa com Dona Evarista motivado pelas características biológicas dela. Embora a considere uma mulher feia, Bacamarte representa a esposa como alguém de físico aceitável. Agindo desta forma, Bacamarte acreditava ser possível promover uma "melhora" da sociedade, a partir da reprodução de descendentes com "elevadas" características biológicas (provenientes de D. Evarista) e psíquicas (advindas dele próprio):

> [...] Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um Juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes [...]. (Assis, 2014, p. 19-20).

Em trechos seguintes, Machado põe à prova a suposta superioridade biológica, ao demonstrar que a esposa era incapaz de gerar filhos, o que impediria a família de reproduzir características físicas "superiores". Casado com uma mulher infértil, a família Bacamarte teve seu fim decretado e a esperada descendência genial foi extinguida, antes mesmo de existir, como evidencia o trecho a seguir:

> [...] D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. O nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regímen alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, - explicável, mas inqualificável, - devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes [...]. (Assis, 2014, p. 20).

Positivismo e a crítica ao cientificismo

O positivismo foi a doutrina filosófica que considerava a ciência como única forma de compreensão eficaz da realidade. Ela surgiu na Europa e foi difundida por Auguste Comte. Em seu inventário literário, Machado de Assis se incumbia da constante tarefa de desafiar as verdades científicas, consideradas únicas pelos intelectuais de sua época. Assim, a temática do cientificismo é abordada recorrentemente em seus livros, por meio de personagens obcecados pela ciência (Quiterio, 2014).

Em "O Alienista", Machado satiriza o positivismo de forma alegórica, ao apresentar um personagem tão adepto aos postulados científicos, a ponto de viver exclusivamente para sua prática, como no trecho "[...] homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência." (Assis, 2014, p. 31). Ou em outra passagem, na qual Bacamarte afirma: "[...] a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus". (Assis, 2014, p. 55).

Desse modo, por meio de sua narração, Machado manifesta, de forma sutil e ainda assim muito perspicaz, críticas à relação entre o homem e ciência e à forma como esta última é idolatrada e utilizada nos mais diversos discursos (principalmente os políticos) (Quiterio, 2014). Machado expõe a aplicação "abrasileirada" e errônea da ciência, por meio da descrição precisa dos comportamentos, personalidade e pensamentos de seus personagens, tornando a psicologia, um traço característico de sua escrita.

Psiquiatria e a ausência de critérios para tratamentos

As perspectivas de tratamento para os diagnosticados como doentes mentais ao longo do século 18 e início do século 19 eram quase inexistentes. Sigmund Freud, por exemplo, relatou que quando o quadro clínico de uma paciente não apresentava correlação com alguma alteração orgânica subjacente, essa pessoa era classificada como "histérica". Entretanto, ao invés de servir como indicativo para a escolha de um tratamento adequado, o diagnóstico desencadeava negligência por parte dos médicos da época, pois esses acreditavam que os sintomas apresentados pela paciente se limitavam a meras simulações, afinal, desafiavam seus conhecimentos (Freud, 1910).

Não somente mulheres histéricas sofriam essa indiferença, mas todo e qualquer indivíduo portador de transtorno psicológico que acarretasse comportamentos considerados atípicos ou anormais. Então, os loucos e pobres eram recolhidos das ruas, restringidos da sociedade e trancados em prisões, porões ou masmorras, onde não havia camas ou roupas adequadas; a segregação era a forma de controle dominante (Hothersall, 2019).

Diante do panorama de exclusão e maus-tratos, surgiu o francês Philippe Pinel, considerado o pai da psiquiatria científica, figura médica que revolucionou as formas de tratamento das doenças mentais. Originário de uma família majoritariamente composta por médicos, Pinel também se tornou um profissional da medicina e concentrou seu interesse na área da "loucura" (Hothersall, 2019).

No artigo científico "O Melhor Método de Tratar Pacientes que Enlouqueceram Antes da Velhice", escrito por Pinel, ele enfatizava a necessidade de práticas de tratamento humanizadas e solidárias, enquanto reprovava o uso de punições, açoites e zombarias no trato com pacientes psiquiátricos. A aclamação do trabalho foi imediata e lhe rendeu, além de uma menção honrosa, o cargo de diretor do Bicêtre Asylum, em Paris, no início de 1793 (Hothersall, 2019).

No mesmo ano e ao longo de quatro meses, Pinel promoveu a remoção de correntes de 53 pacientes e a taxa de mortalidade dos institucionalizados decaiu significativamente. Como resultado de seu sucesso, Pinel foi nomeado líder do manicômio parisiense La Salpêtrière, em 1795, e assim pôde expandir seus métodos de tratamento para outras instituições, obtendo, mais uma vez, êxito e sucesso com seus métodos (Hothersall, 2019).

Foi assim que se iniciou um processo gradual e vagaroso, mas profundo e intenso, de transformação não apenas nos cuidados dispendidos aos pacientes psiquiátricos, mas na forma de compreensão da doença e do doente mental. As contribuições de Pinel transformaram a realidade de inúmeros enfermos e profissionais da saúde e espalharam-se, ainda que lentamente, por todo o mundo.

Sabe-se que uma estátua de Pinel foi erguida para a ornamentação do primeiro hospício brasileiro e que a denominação da ala masculina da instituição levava seu sobrenome. O "Hospício Dom Pedro II" foi inaugurado em 1852 no Rio de Janeiro e sua construção levou cerca de 10 anos. Com ele, instaurava-se o alienismo no Brasil (Teixeira; Ramos, 2012).

Mas, diferentemente da nova psiquiatria europeia, que surgiu como forma de tratamento médico para os transtornos mentais, arcabouçada na ciência e no intelecto, o alienismo brasileiro que surgia com Dom Pedro II foi fruto de estratégias políticas e sujeito à administração religiosa, uma vez que o Império brasileiro era declaradamente católico (Teixeira; Ramos, 2012).

É neste sentido que Machado de Assis, nas páginas de "O Alienista", promove críticas ostensivas ao incipiente nascimento do que se tornaria mais tarde a psiquiatria brasileira, bem como aos métodos de tratamento difundidos e utilizados no período em que se passa a história do livro.

Machado aponta o descaso com os doentes mentais. Aqueles com comportamentos pacíficos e que não representavam perigo eram largados à própria sorte na rua, sem forma alguma de tratamento, ou esperança de prognóstico. Eram os condenados à sobrevivência em liberdade. Por outro lado, doentes agressivos eram restritos de liberdade na própria casa ou em algum lugar feito para este fim e excluídos.

> [...] A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é arguida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua [...]. (Assis, 2014, p. 21).

Um dos aspectos que Machado considera problemáticos em relação à institucionalização é a superlotação do manicômio, afinal, os loucos de todas as imediações de Itaguaí eram internados na Casa Verde, e assim, no período de quatro meses, a população da instituição era tão numerosa, que se tornou necessária a abertura de mais de 37 salas: “Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete.” (Assis, 2014, p. 24-25).

Então, alegando dispender imensurável esforço e dedicação ao estudo da mente humana, o alienista elabora uma teoria geral do desencadeamento das doenças psiquiátricas, objetivando sua aplicação aos mais diversos casos. Desse modo, a nova teoria de Bacamarte, que segundo o personagem, era “própria a alargar as bases da psicologia” (Assis, 2014, p. 33) afirmava que “a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros.” (Assis, 2014, p. 34). Entretanto, a situação se agrava quando o alienista começa a internar deliberadamente indivíduos que, aparentemente, não apresentam qualquer sinal de doença mental comprovada.

Conclusão

A discussão acerca da saúde mental no Brasil e no mundo não é recente. Mas, se hoje nota-se uma conduta menos repressora em relação àqueles que sofrem com problemas mentais, em um passado não muito distante, o contexto era diferente, pois vigorava uma regra subjetiva de se considerar doentes mentais como loucos que precisavam ser mantidos em reclusão e longe do contato social.

No conto “O alienista”, Machado de Assis conta a história de criação de uma casa de recolhimento para pessoas com problemas mentais. Em seu trabalho de escrita, o autor utiliza diferentes elementos, alusões e alegorias para denunciar, principalmente, práticas desumanas de tratamento psiquiátrico, corroboradas em sua época.

Transitando entre o sarcasmo e o humor, Machado de Assis consegue promover reflexões acerca da exclusão e da institucionalização como métodos de segregação vigentes, revelando e denunciando métodos pouco humanistas de controle e tratamento das doenças mentais no contexto brasileiro de seu tempo.

Referências

ASSIS, M. **O alienista.** São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2014.

BRASIL. Senado Federal. **Após 20 anos, reforma psiquiátrica ainda divide opiniões.** 2021. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/. Acesso em: 22 out. 2022.

FREUD, S. **Cinco Lições de Psicanálise.** São Paulo: Cienbook, 1910.

HIRDES, A. A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re)-visão. **Ciência & Saúde Coletiva**, S.l., v.14, p. 297-305, 2009.

HOTHERSALL, D. **História da Psicologia.** Porto Alegre: McGraw-Hill. 2019.

PERNAMBUCO. Secretaria de Estado e Esportes. **Literatura no Enem.** 2016.

QUITERIO, J. Cientificismo na obra de Machado de Assis. **Ciência e Cultura**, Gravataí, v. 66, n. 4, p. 62-63, 2014. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v66n4/a19v66n4.pdf. Acesso em: 28 abr. 2023.

RIBEIRO, P. R. M. **Saúde Mental no Brasil.** São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da Psicologia Moderna.** São Paulo: Cengage, 2019.

SILVA GADELHA, D. P. **Configuração do Realismo no Brasil:** uma possível reconceituação. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. 143p. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/53207. Acesso em: 12 nov. 2022.

TEIXEIRA, M. O. L.; RAMOS, F. A. C. As origens do alienismo no Brasil**:** dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 15, p. 364-381, 2012.